

## EXPERIÊNCIA FÁTICA DA VIDA E FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO EM MARTIN HEIDEGGER

*Renato Kirchner*

### **Introdução**

Este artigo, fruto da pesquisa intitulada “Experiência fática da vida e fenomenologia da religião: interpretação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas segundo Martin Heidegger”, desenvolvida no Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), tem como objeto investigar a primeira parte do volume 60 da obra completa (*Gesamtausgabe*) de Martin Heidegger, cujo título é *Fenomenologia da vida religiosa*<sup>1</sup>. Com efeito, “Introdução à fenomenologia da religião”, que constitui a primeira parte desta obra, é um conjunto de preleções proferidas pelo filósofo alemão na Universidade de Friburgo e que remontam ao semestre de inverno de 1920/21, sendo consideradas de fundamental importância para se compreender o caminho do pensamento do filósofo desde os anos em que era ainda um jovem professor.

Durante os anos que antecederam a elaboração e desenvolvimento de sua obra capital (*Ser e tempo*) Heidegger vai gradativamente se distanciando da fenomenologia de Edmund Husserl. Diante disso, numa perspectiva mais ampla, o propósito da presente investigação consiste em indagar como nasce, nesse contexto e a partir do texto das preleções em particular, uma nova compreensão de fenomenologia. Portanto, o presente texto tem como objetivo geral proporcionar novas interpretações possíveis a partir das mencionadas preleções friburguenses, tomando por base o mesmo texto traduzido e publicado no Brasil. Espera-se, de um lado, compreender de que modo Heidegger amadurece e formula filosoficamente conceitos como *experiência fática da vida* (*faktische Lebenserfahrung*) e *indício formal* (*formale Anzeige*) e, de outro lado, compreender o modo muito genuíno e peculiar com que o filósofo interpreta e explica fenomenologicamente algumas epístolas paulinas, particularmente a *Epístola aos Gálatas* e as duas *Epístolas aos Tessalonicenses*<sup>2</sup>.

### **1. Martin Heidegger: quem foi?**

Martin Heidegger nasceu aos 26 de setembro de 1889 numa pequena cidade chamada Messkirch, na Floresta Negra, sul da Alemanha. Seu pai, Friedrich, era mestre carpinteiro e servia de sacristão na Igreja de São Martinho. A mãe, Johanna, da família Kempf, era

também, como o pai, de confissão católica. Na escola comunal de Messkirch cursou as primeiras séries e, posteriormente, as demais séries do ensino fundamental em Constança e o ensino médio no Bertholdgymnasium de Friburgo, concluído em 1909. De 1909 a 1914 estudou na Universidade de Friburgo. No primeiro semestre frequentou os cursos de teologia e filosofia, desde 1911, sobretudo os de filosofia, matemática e ciências naturais e, no último semestre, os cursos de história. Doutorou-se sob a direção de Heinrich Rickert, em 1914, com a tese *A doutrina do juízo no psicologismo*. Em 1915, habilitou-se para o magistério num concurso de livre-docência, para a Universidade de Friburgo, com a tese *A doutrina das categorias e da significação de Duns Escoto*. De 1916 a 1923, deu cursos e seminários em Friburgo na qualidade de livre-docente. De 1923 a 1928 foi transferido, como professor titular de filosofia, para a Universidade de Marburgo. Resulta desse período sua principal obra (*Sein und Zeit – Ser e tempo*), publicada pela primeira vez em 1927, no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*. Em 1928 foi chamado de volta para Friburgo para suceder a Edmund Husserl na cadeira de filosofia. Em maio de 1933, foi eleito reitor da Universidade de Friburgo, sendo que nove meses depois, em fevereiro de 1934, renunciou. No outono de 1944 foi mobilizado para trabalhar nas fortificações do Reno, sendo, logo depois, enviado para o campo de batalha. Em 1945 foi proibido de lecionar pelas autoridades aliadas de ocupação. Em 1951 foi reintegrado à universidade e no ano seguinte tornou-se professor emérito. Em 1957/58 encerrou sua carreira universitária. Faleceu no dia 26 de maio de 1976 em Friburgo com 86 anos de idade.

## **2. A edição da obra completa de Martin Heidegger**

Embora muitas obras do filósofo tivessem sido publicadas por diferentes editoras alemãs como a Max Niemeyer, de Tübingen e a Günther Neske, de Pfullingen, em 1974 – quando Heidegger ainda estava vivo – foi iniciada a edição da obra completa (*Gesamtausgabe = GA*), pela editora Vittorio Klostermann, de Frankfurt. Esta edição foi planejada pelo próprio filósofo e continua sendo supervisionada atualmente por um de seus filhos, Hermann Heidegger. A edição integral ou edição reunida – como também é chamada – é dividida em quatro seções:

**Primeira seção:** Escritos publicados (*Veröffentlicheschriften*, GA 1-16): 16 volumes;

**Segunda seção:** Preleções (*Vorlesungen*, GA 17-63): 47 volumes

A) Preleções de Marburgo (*Marburger Vorlesungen – 1923-1928*, GA 17-26)

B) Preleções de Friburgo (*Freiburger Vorlesungen – 1928-1944*, GA 27-55)

C) Primeiras preleções de Friburgo (*Frühe Freiburger Vorlesungen* – 1919-1923, GA 56-63);

**Terceira seção:** Tratados inéditos (*Unveröffentlichte Abhandlungen*, GA 64-81): 18 volumes;

**Quarta seção:** Apontamentos e notas (*Aufzeichnungen und Hinweise*, GA 82-102): 21 volumes.

Como se vê neste quadro panorâmico, a obra heideggeriana é um conjunto muito vasto, pois abrange cerca de uma centena de volumes. Diante disso, uma pergunta muito simples, mas importante, deve ser colocada: quais obras devem ou merecem ser investigadas? Depende! E depende de muitos fatores, enfim, de muitas e possíveis variáveis! Depende, sobretudo, do que e como se quer estudar a partir do pensamento heideggeriano.

A resposta a esta simples pergunta é de fundamental importância a fim de dar uma orientação segura à reflexão aqui proposta. Assim, convém apontar logo de saída o que nos interessa aqui particularmente. Interessa-nos a segunda seção, que contém as preleções (*Vorlesungen*), isto é, as aulas ou cursos universitários que Heidegger deu ao longo de sua carreira acadêmica. Ainda assim, porém, as preleções ocupam cerca da metade da obra completa, ou seja, 47 volumes. Diante disso, cabe restringir ainda mais os volumes a serem pesquisados. Com efeito, constitui o foco de nossa atenção a terceira parte da segunda seção, a saber, as primeiras preleções dadas pelo filósofo na Universidade de Friburgo entre os anos de 1919 a 1923 e que abrange os volumes 56 a 63 da edição completa.

Como é possível perceber, alguns destes volumes reúnem às vezes mais de um texto. É o caso, por exemplo, do volume que interessa à nossa pesquisa de uma forma toda particular: *Fenomenologia da vida religiosa* (volume 60)<sup>3</sup>. Este volume reúne os seguintes textos: “1. Introdução à fenomenologia da religião” (do semestre de inverno de 1920/21), “2. Agostinho e o neoplatonismo” (do semestre de verão de 1921) e “3. Os fundamentos filosóficos da mística medieval” (que constitui um conjunto de anotações para um curso que acabou não sendo oferecido). A tradução do volume 60, realizada por Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin e Renato Kirchner, foi publicada pela editora Vozes em 2010<sup>4</sup>.

### **3. Fenomenologia da vida religiosa e o contexto em que surgiu esta obra**

Os primeiros trabalhos acadêmicos de Heidegger, entre os quais, a tese de doutorado *A teoria do juízo no psicologismo* (1913), a aula de habilitação *O conceito de tempo na*

*ciência histórica* (1915) e a tese de docência *A doutrina das categorias e do significado em Duns Escoto* (1916) costumam ser considerados de influência neokantiana. Dentro de uma terminologia e temática próprias do neokantismo, estas obras, porém, abordam problemas que extravazam o neokantismo e que já não podem mais ser resolvidas nas estritas fronteiras kantianas. *Desse contexto nasce a necessidade de analisar fenomenologicamente o ser-aí humano (menschliche Dasein) em sua existência, gerando a assim chamada hermenêutica da faticidade.* Como é amplamente sabido, as pesquisas de Heidegger, especialmente entre 1918 e 1925, originam, aos poucos, uma das obras mais importantes da filosofia do século XX: *Ser e tempo*.

Conforme já mencionado, o volume 60 da edição completa, *Fenomenologia da vida religiosa*, foi publicado pela primeira vez pela Vittorio Klostermann, de Frankfurt, em 1995. Os textos são fruto de preleções dadas pelo jovem filósofo na Universidade de Friburgo. Considerando que é a segunda parte que nos interessa particularmente, vejamos sua estrutura. “Introdução à fenomenologia da religião”, ou seja, as primeiras preleções riburguenses do semestre de inverno de 1920/21, possui duas partes principais: “Primeira parte: Introdução metodológica: filosofia, experiência fática da vida e fenomenologia da religião” e “Segunda parte: Explicação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas”. Além disso, há ainda um “Anexo: Apontamentos e esboços para a preleção”, texto estritamente relacionado às duas partes, tendo em vista que são anotações em que passagens particularmente importante são explicadas e aprofundadas por Heidegger.

A respeito do texto “Introdução à fenomenologia da religião”, informa o editor Claudius Strube, no posfácio, que o manuscrito da preleção foi perdido. Conservam-se, porém, cinco anotações manuscritas de alunos que permitiram reconstruir de forma aproximada a direção do pensamento e o teor literal da preleção. Três dessas anotações (de Oskar Becker, Helene Weiss e Franz-Josef Brecht) encontram-se no Arquivo de Literatura Alemã de Marbach, e dois outros (de Franz Neumann e Fritz Kaufmann) estão guardados no Arquivo Husserl de Lovaina. A estas anotações foram acrescentadas apontamentos manuscritos do próprio Heidegger no contexto da preleção. São folhas soltas de uma pasta conservada atualmente no Arquivo de Marbach. Segundo Claudius Strube, a escrita está num tamanho microscópica e difícil de decifrar.

Entretanto, apesar das dificuldades de se recompor um possível texto original das preleções a partir de anotações de alunos que assistiram às aulas de Heidegger, não resta

dúvida que nelas pulsa e está presente seu modo original de pensar. Por esta razão, “Introdução à fenomenologia da religião” é de primordial importância para compreender seu pensamento inicial. Por mais frequentes que tenham sido, há várias décadas, as referências a esta preleção na investigação filosófica, faltava uma clareza sobre suas bases textuais e sobre a precisão de sua argumentação. A posição e o lugar temático que esta preleção ocupa no âmbito da obra heideggeriana definem-se pelo objeto da preleção: em nenhum outro lugar torna-se tão visível a natureza própria do *pré-conceito filosófico* em oposição ao método científico; em nenhum outro lugar trata-se com tal envergadura e exatidão exegéticas as “*questões religiosas*”. Heidegger idealiza e arquiteta uma crítica da filosofia da religião daquela época com considerações fundamentais sobre o modo em que pode mostrar-se a experiência fática da vida em sua historicidade.

O esclarecimento total do conceito metodológico fundamental de “indício formal” constitui o transfundo sobre o qual os documentos mais antigos do cristianismo primitivo são submetidos à investigação fenomenológica. No âmbito dessa interpretação fenomenológica, Heidegger interpreta, por exemplo, textos escolhidos da *Epístola aos Gálatas* como também das *Epístolas aos Tessalonicenses*. Tomando por base o *fenômeno da pregação paulina*, elabora *notas elementares* da religiosidade cristã primitiva nas quais se torna visível o caráter de *realização da vida fática enquanto tal*.

Em que contexto acontece isso? A proximidade pessoal e temática de Heidegger com Husserl, desde 1918, colaborou decisivamente para que suas investigações tivessem a marca de uma “fenomenologia da religião”, cuja elaboração detalhada Husserl havia encarregado seu discípulo. Contudo, já trabalhava numa concepção própria da fenomenologia, partindo do conceito da *experiência fática da vida*. De fato, a discussão continuada com a tradição cristã representa o contexto dentro do qual Heidegger desenvolverá sua *hermenêutica da faticidade*.

Com efeito, as investigações realizadas por Heidegger depois de 1915 revelam que se afasta gradativamente das investigações fenomenológicas correntes naquela época. Enquanto Husserl e Scheler, por exemplo, usavam expressões como “vida humana” (*menschliche Leben*), “vivência” (*Erlebnis*) ou “mundo da vivência” (*Lebenswelt*) para descrever a *experiência originária da vida humana*, Heidegger passa a utilizar expressões como *hermenêutica da faticidade* e, a partir disso, realiza análises totalmente novas no campo da fenomenologia. Isso fica mais evidente em expressões novas que, pouco a pouco, começam a aparecer em suas reflexões, entre as quais: “faticidade” (*Faktizität*),

“mundo próprio” (*Selbstwelt*), “mundo circundante” (*Umwelt*), “mundo compartilhado” (*Mitwelt*), “circunvisão” (*Umsicht*), “ser-no-mundo” (*In-der-Welt-sein*), dentre muitas outras correlacionadas. Nesse sentido, as reflexões e análises do volume 63, tendo por título *Ontologia (Hermenêutica da faticidade)*, do semestre de verão de 1923, já em Friburgo, são uma evidência das preocupações filosóficas heideggerianas naqueles anos.

A mudança fundamental, contudo, não reside apenas na mudança e no emprego de novos conceitos filosóficos. Temos de perguntar-nos: qual o sentido da mudança e do emprego dos conceitos nestas análises fenomenológicas? Ao propor e fazer uma *hermenêutica da faticidade*, Heidegger está preocupado em garantir e salvaguardar a *unidade estrutural do fenômeno do mundo do ser-aí humano*. Nesse sentido, nosso objetivo é olhar para dentro dos bastidores das primeiras investigações fenomenológicas realizadas e conduzidas pelo próprio Heidegger enquanto era um jovem professor e, quiçá, nem tão conhecido ainda, sobretudo fora da Alemanha.

Diante disso, devemos perguntar-nos quais eram os autores e textos mais diretamente relacionados aos estudos da religião naquela época? Entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, produziu-se grande quantidade de estudos relacionados à *filosofia da religião*. Duas escolas de pensamento fortemente influenciaram os estudos daquela época: o neokantismo e o hegelianismo, como também o historicismo. Alguns autores que marcaram o jovem Heidegger: E. Husserl, F. Brentano, D. Escoto, W. Dilthey, S. Kierkegaard, por exemplo. Contudo, em textos seus dessa época são citados também nomes como Droysen, Troeltsch, Rickert, Ranke, Windelband, Simmel e Misch. De fato, há realmente obras importantes sobre o fenômeno religioso dessa época, entre as quais: *O sagrado: delineamentos para a filosofia da religião* (1902), de Wilhelm Windelband, *A religião dentro dos limites da humanidade* (1908), de Paul Natorp, *O conceito de religião no sistema da filosofia* (1913), de Hermann Cohen, *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional* (1917), de Rudolf Otto, *Comentário à Carta aos romanos* (1919), de Karl Barth e *Sobre o eterno no homem* (1921), de Max Scheler.

Tendo presente especificamente este contexto filosófico, é possível aproximar-nos propriamente do modo como Heidegger realiza seus primeiros exercícios fenomenológicos. Assim, poderíamos perguntar: ao ler e interpretar textos de Paulo, Agostinho e Eckhart<sup>5</sup>, o jovem Heidegger está interessado em quê? E, para o que nos interessa particularmente na presente pesquisa, qual o objeto e a tarefa que ele se impõe ao ler e interpretar as epístolas paulinas, por exemplo?

#### 4. O objeto e a tarefa da fenomenologia da religião

A fenomenologia da religião de Heidegger não coloca o acento na religião em sua totalidade, muito menos sobre a experiência de Deus. Seu foco é a experiência originária da religiosidade. Contudo, como e até que ponto é isso possível fenomenologicamente? Enfim, qual o propósito de Heidegger propriamente dito?

Como contraponto, convém ter presente o que ele diz, por exemplo, nas obras *Interpretação fenomenológica de Aristóteles* e *Introdução à metafísica*. De fato, Heidegger estabelece uma radical diferença entre a dimensão da fé e o pensamento filosófico ou fenomenológico. Ele escreve: “A filosofia *ela mesma* é, enquanto tal, atea quando se compreende de modo radical”<sup>6</sup>. E ainda: “Uma ‘filosofia cristã’ é um ferro de madeira (*hölzernes Eisen*) e uma incompreensão (*Missverständnis*)”<sup>7</sup>. “Filosofia cristã” – vê-se nessas passagens – é o mesmo que um círculo quadrado, portanto, um contra-senso. Desse modo, em que sentido pode-se falar em “fenomenologia da religião” ou “filosofia da religião” a partir de Heidegger? E, sobretudo, quando estiver em jogo ler e interpretar as epístolas paulinas?

Diante do exposto e a fim de dar um primeiro direcionamento seguro à temática investigada, concentramos a atenção sobre dois capítulos do primeiro texto que compõe o volume 60 da obra completa, a saber: *Introdução à fenomenologia da religião*. Depois de uma extensa “Introdução metodológica: filosofia, experiência fática da vida e fenomenologia da religião” (§§ 1 a 13), Heidegger passa para a “Explicação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas” (§§ 14 a 33)<sup>8</sup>.

Na intenção de determinar o melhor possível *o objeto e a tarefa ou método da fenomenologia da religião*, apresentamos, a seguir, algumas anotações preliminares que orientaram a leitura e interpretação dos textos ao longo da pesquisa “Experiência fática da vida e fenomenologia da religião: interpretação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas segundo Martin Heidegger”, desenvolvida no Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), durante o biênio de 2012-2014.

#### ***Quanto ao objeto da fenomenologia da religião:***

- Trata-se de voltar à experiência cristã originária e de compreender o problema da explicação religiosa;
- A compreensão fenomenológica deve fazer a experiência do objeto em sua originalidade;
- A fenomenologia deve ter continuamente em vista o problema do conceito prévio relacionado à história;
- A religiosidade cristã consiste na experiência cristã primitiva de vida e é, enquanto tal, ela mesma;
- A experiência fática da vida é histórica. A religiosidade cristã ensina e vive a temporalidade enquanto tal.

***Quanto à tarefa ou método da fenomenologia da religião:***

- Inicialmente, o método teológico está excluído de nossas considerações;
- O peculiar da compreensão fenomenológico-religiosa é a obtenção de uma compreensão prévia para uma via de acesso adequada aos fenômenos estudados;
- Não temos a intenção de oferecer nem uma interpretação dogmática ou teológico-exegética nem tampouco um estudo histórico ou uma meditação religiosa, mas apenas uma introdução à compreensão fenomenológica;
- A compreensão fenomenológica está situada, fundamental e totalmente, fora da oposição entre racional e irracional, entre sujeito e objeto;
- Não se deve emprestar qualquer teoria ou modo de interpretação para a determinação do objeto investigado e da tarefa a ser empreendida;
- A proclamação de Paulo, enquanto fenômeno religioso, deve ser analisada em todas as direções fenomenológicas de sentido;
- O *fenômeno da proclamação* é uma referência vital imediata do *mundo próprio* (*Selbstwelt*) do apóstolo Paulo em relação ao *mundo circundante* (*Umwelt*) e do *mundo compartilhado* (*Mitwelt*) com a comunidade na qual se encontra e da qual suas epístolas provêm. *Este é, portanto, um fenômeno central.* Diante disso, podem colocar-se questões como: Quem proclama? Como proclama? Que é proclamado? Heidegger irá enfatizar o “como” da proclamação. Nesse sentido, a realização da vida é decisivo, ou seja, como a mensagem proclamada é experimentada e vivida. Está em jogo, portanto, analisar o conteúdo proclamado, sua temática e seu aparato conceptual;



- A compreensão fenomenológica sempre tem em vista um fenômeno bem determinado e, nesse sentido, partir de um ponto inicial (pré-conceito);

- A compreensão fenomenológica é determinada pelo fato de que, na proclamação paulina, o espectador deve ser levado em conta. Este se realiza, ou seja, faz a experiência da mensagem proclamada e isso o atinge de modo direto, concreto e imediato em sua situação vital;

- Metodologicamente, deve-se colocar em relação à religiosidade cristã primitiva: 1) ela encontra-se na experiência fática da vida enquanto tal; 2) a experiência fática da vida é histórica, ou seja, ela vive o tempo de fato (“viver” entendido como verbo transitivo);

- A proclamação apostólica é uma característica demasiadamente ampla do fenômeno. Nesse sentido, as epístolas paulinas são, enquanto fontes, mais diretas e imediatas do que os Evangelhos canônicos escritos posteriormente;

- Não se deve isolar o caráter epistolar nem introduzir meras questões de estilo literário ao problema. O estilo epistolar mesmo é expressão do escritor e de sua intenção. Embora as epístolas paulinas estejam cronologicamente tão próximas umas das outras, são muito diversas entre si. Por isso, é necessário livrar-se da divisão meramente esquemática das epístolas;

- A explicação das epístolas não se restringe a uma sequência diferenciada de atos ou mesmo de algumas notas de apreensão. Só é possível obter uma explicação fenomenológica apropriada a partir do contexto vital concreto do qual as epístolas paulinas surgiram e nos foram transmitidas ao longo dos séculos.

### **Considerações finais**

Na primeira epístola paulina aos tessalonicenses, Heidegger descobre que, com o advento da experiência cristã, surge uma nova concepção de escatologia. Esta palavra não significa mais uma “coisa” por vir, muito menos num futuro distante e indeterminado, mas há nela uma relação com a *parousia* cristã autêntica. Assim, a segunda vinda de Cristo não é a expectativa de um acontecimento futuro, mas *o despertar para a iminência dessa vinda*, tendo um significado kairológico. Esse tempo já está se realizando, no aqui e agora, revelando assim um caráter kairônico do tempo. Com efeito, ter uma relação com a *parousia* implica *estar plenamente desperto no presente* e não em expectativa de um acontecimento que ainda não chegou ou que, eventualmente, nunca chegará. *O “quando” transforma-se, então, em “como viver” plenamente o presente*<sup>9</sup>.

No trecho a seguir, do livro *A fenomenologia da vida religiosa*, Heidegger diz que a temporalidade originária nasce da experiência fática da vida e, portanto, é um equívoco partir de “teorias” já prontas para “enquadrar” o tempo. Assim, como ele mesmo enfatiza, trata-se de não falsificar o problema do tempo, mas de ver o fenômeno do tempo a partir da vida fática. Está em jogo compreender o tempo de uma maneira “*totalmente abstraída* (*ganz abgesehen*) de toda consciência e tempo puros”:

Por enquanto o conceito ‘temporal’ ainda é tomado em sentido indeterminado, não se sabe absolutamente nada de que tempo se fala. Enquanto o sentido do ‘temporal’ ficar indeterminado, é possível tomá-lo como algo não pré-judicativo (*Präjudizierendes*). Pode-se pensar: enquanto cada objetivação se constitui na consciência, ela é temporal e, com isso, conquista-se o esquema fundamental do que é temporal. Porém, essa determinação ‘geral’ do tempo não é fundamental, mas uma falsificação do problema do tempo. Com isso é indicada uma  *moldura* (*Rahmen*) para o fenômeno do tempo, isto é, a partir *do que é teórico* (*Theoretischen*). Ao contrário, o problema do tempo deve ser compreendido da maneira como experimentamos originariamente a temporalidade na experiência fática – totalmente abstraída de toda consciência e tempo puros. O caminho, portanto, é inverso. Devemos perguntar, pelo contrário: o que é originariamente na experiência fática a temporalidade? O que significa, na experiência fática, passado (*Vergangenheit*), presente (*Gegenwart*) e futuro (*Zukunft*)? Nosso caminho parte da vida fática, isto é, parte da vida fática na medida em que o sentido do tempo seja conquistado. Com isso o problema do que é histórico é devidamente caracterizado<sup>10</sup>.

Com efeito, as investigações de Husserl abriram as portas para Heidegger e, por assim dizer, fizeram-no despertar para o *problema da temporalidade do ser-aí humano* de uma maneira toda nova. Uma prova disso está numa nota editorial desta obra, da qual Heidegger foi o editor no ano de 1928. Nessa nota lê-se: “Decisiva é aqui a explicitação do caráter intencional da consciência do tempo e a crescente clarificação principial da *intencionalidade* em geral. [...] Ainda hoje, esta expressão não é um santo-e-senha, mas sim o título de um *problema* central”<sup>11</sup>. Nesse contexto, além de apontar para a importância da intencionalidade, Heidegger apresenta um Husserl profundamente atento à necessidade de voltar para a interpretação agostiniana do tempo. Isso é manifesto nas interpretações fenomenológicas, tanto em relação a Santo Agostinho como nas epístolas paulinas, realizadas por Heidegger nos primeiros anos como professor em Marburgo<sup>12</sup>.

### Referências<sup>13</sup>

BARASH, Jeffrey A. *Heidegger e o seu século. Tempo do ser, tempo da história*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BIEMEL, Walter. Heideggers Stellung zur Phänomenologie in der Marburger Zeit. In: ORTH, E. W. *Husserl, Scheler, Heidegger in der Sicht neuer Quellen*. Freiburg im Breisgau: Alber, 1978, p. 141-223.

BULTMANN, Rudolf. *Crer e compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

- BUREN, John van. *The young Heidegger*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- CAPUTO, John D. *Desmitificando Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- CAPUTO, John D. *The Mystical Element in Heidegger's Thought*. Athens: Ohio University Press, 1978.
- CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DAHLSTROM, Daniel. Heidegger's method: philosophical concepts as formal indications. *Review of Metaphysics* 47, 1994, p. 775-795.
- DASTUR, Françoise. *Heidegger e a questão do tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- DOSTAL, R. J. Tempo e fenomenologia em Husserl e Heidegger. In: GUIGNON, C. *Poliedro Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. *Heidegger e a fenomenologia como explicitação da vida fática*. São Paulo: PUC-SP, 2008. (Dissertação de mestrado.)
- FERRANDIN, Jairo. *Faticidade e historicidade: a protorreligiosidade cristã como chave interpretativa da experiência fática da vida*. São Paulo: PUC-SP, 2010. (Tese de doutorado.)
- FIGAL, Günther. Vollzugsinn und Faktizität. *Der Sinn des Verstehens*. Stuttgart: Reclam, 1996, p. 32-44.
- FLASCH, Kurt. *Was ist Zeit? Augustinus von Hippo. Das XI. Buch der Confessiones. Historisch-philosophische Studie (Text, Übersetzung, Kommentar)*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1993.
- FRANZ, H. Das Denken Heideggers und die Theologie. In: NOLLER, G. *Heidegger und die Theologie*. München: Kaiser, 1967.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e método. Complementos e índice*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica em retrospectiva. Vol. 1: Heidegger em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. Martin Heidegger und die Marburger Theologie. In: PÖGGELER, Otto (ed.). *Heidegger: Perspektiven zur Deutung seines Werks*. Colônia; Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1970.
- \_\_\_\_\_. Heideggers theologische Jugendschriften. *Dilthey Jahrbuch* 4, 1986-87, p. 228-234.
- GETHMANN, C. F. Philosophie als Vollzug und als Begriff. Heideggers Identitätsphilosophie des Lebens in der Vorlesung vom Wintersemester 1921/1922 und ihr Verhältnis zu Sein und Zeit. *Heidegger Studien* 5, 1989, p. 161-177.
- GRONDIN, Jean. *Introduction to philosophical hermeneutics*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1994.
- GROSSMANN, Andreas. Zwischen Phänomenologie und Theologie – Heideggers Marburger Religionsgespräch mit Rudolf Bultmann. *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, v. 95, 1998, p. 37-62.
- GUIGNON, Charles B. (ed.). *The Cambridge Companion to Heidegger*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993.
- HEBECHE, Luiz A. *O escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e São Paulo*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- \_\_\_\_\_. Heidegger e os indícios formais. *Veritas*, v. 46, n. 4, 2001, p. 571-592.
- HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Phänomenologie des religiösen Lebens: Einleitung in die Phänomenologie der Religion*, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ontologia (Hermenêutica da faticidade)*. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)*, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução à metafísica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HEINZ, Marion. *Zeitlichkeit und Temporalität im Frühwerk Martin Heideggers: Die Konstitution der Existenz und die Grundlegung einer temporalen Ontologie im Frühwerk Martin Heideggers*. Würzburg; Amsterdam: Königshausen & Neumann; Rodopi, 1982.

\_\_\_\_\_. Der Zeitbegriff im Frühwerk Martin Heideggers. *Die Zeit Heideggers*, Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002, p. 9-33.

HOGEMANN, F. Heideggers Konzeption der Phänomenologie in den Vorlesungen aus dem Wintersemester 1919/1920 und dem Sommersemester 1920. *Heidegger Studien* 5, 1989, p. 72-90.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JUNG, Mathias. Die ersten akademischen Schritte (1912-1916). Zwischen Neuscholastik, Neukantianismus und Phänomenologie. In: THOMÄ, Dieter. *Heidegger Handbuch. Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2003.

\_\_\_\_\_. Phänomenologie der Religion. Das frühe Christentum als Schlüssel zum faktischen Leben. In: THOMÄ, Dieter. *Heidegger Handbuch. Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2003.

\_\_\_\_\_. Die frühen Freiburger Vorlesungen und anderen Schriften 1919-1923. Aufbau einer eigenen Philosophie im historischen Kontext. In: THOMÄ, Dieter. *Heidegger Handbuch. Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2003.

KISIEL, Theodore. *The genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley; Los Angeles; London: The University of California Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Die formale Anzeige: die methodische Geheimwaffe des frühen Heideggers. Heidegger als Lehrer: Begriffsskizzen an der Wandtafel. In: *Heidegger – neu gelesen*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1997, p. 22-40.

\_\_\_\_\_. Heidegger's Early Lecture Courses. In: *A Companion to Heidegger's Being and Time*. Washington: University Press of America, 1986.

\_\_\_\_\_. War der frühe Heidegger tatsächlich ein christlicher Theologe? In: GETHMANN-SIEFERT. *Philosophie und Poesie. Otto Pöggeler zum 60 Geburtstag*. Stuttgart: Frommann, 1998, p. 59-75.

\_\_\_\_\_. Das Entstehen des Begriffsfeldes Faktizität im Frühwerk Heideggers. In: *Heidegger Studien* 5, 1989, p. 91-120.

KISIEL, Theodore e BUREN, John van (ed.). *Reading Heidegger from the start*. Albany: State University of New York Press, 1994.

LANDGREBE, L. *Der Weg der Phänomenologie. Das Problem einer ursprünglichen Erfahrung*. Gütersloher: Mohn, 1963.

LOPARIC, Zeljko. *Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. Da representação das coisas às coisas elas mesmas. *Representaciones*, v. 1, n. 1, 2005, p. 37-58.

MAC DOWELL, J. A. *A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar de 'Sein und Zeit'*. São Paulo: Loyola, 1993.

MACHADO, J. A. T. *Os indícios de Deus no homem: uma abordagem a partir do método fenomenológico de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

- MICHELAZZO, José Carlos. *Do um como princípio ao dois como unidade. Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP-Annablume, 1999.
- OTT, Hugo. *Martin Heidegger: a caminho de sua biografia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis e São Leopoldo: Vozes e Sinodal, 2007.
- PAISANA, João. *Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Presença, 1992.
- PERAITA, Carmen Segura. *Hermenêutica de la vida humana: em torno ao Informe Natorp de Martin Heidegger*. Madri: Trotta, 2002.
- PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Heidegger: Perspektiven zur Deutung seines Werkes*. Frankfurt am Main: Athenäum, 1984.
- \_\_\_\_\_. Heideggers Begegnung mit Dilthey. *Heidegger Studien* 5, 1989, p. 121-160.
- REIS, Róbson Ramos dos. Verdade e indicação formal: a hermenêutica dialógica do primeiro Heidegger. *Veritas*, v. 46, n. 4, 2001, p. 607-620.
- \_\_\_\_\_. Verdade e interpretação fenomenológica: nota sintética. *Finitude e transcendência. Festschrift em homenagem a Ernildo Stein*. Porto Alegre; Petrópolis: Edipucrs; Vozes, 1995, p. 674-681.
- \_\_\_\_\_. Modalidade existencial e indicação formal: elementos para um conceito existencial de moral. *Natureza Humana*, v. 2, ano 2, 2000, p. 273-300.
- RICHARDSON, William J. *Heidegger. Through Phenomenology to Thought*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1963 (também com sucessivas edições em 1967 e 1973).
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- SASSI, Vagner. *A questão acerca da origem e a apropriação não-objetivante da tradição no jovem Heidegger*. Porto Alegre: PUC-RS, 2007. (Tese de doutorado.)
- SHEEHAN, Thomas. Heidegger's Lehrjahre. In: *The Collegium Phaenomenologicum: The First Ten Years*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1988.
- STAPLETON, Timothy J. *Husserl and Heidegger: The Question of a Phenomenological Beginning*. Albany: State University of New York Press, 1983.
- STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude. Estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- \_\_\_\_\_. Da fenomenologia hermenêutica à hermenêutica filosófica. *Veritas*, v. 47, n. 1, 2002, p. 21-34.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- \_\_\_\_\_. Mundo vivido. Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- STEINER, George. *As idéias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- TAMINIAUX, Jacques. A reapropriação da Ética a Nicômaco. In: *Leituras da ontologia fundamental. Ensaios sobre Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- TIETJEN, H. Philosophie der Faktizität. *Heidegger Studies* 2, 1986, p. 11-40.
- VAN BUREN, John. *The young Heidegger: rumor of the hidden king*. Blomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1994.
- VAN BUREN, John; KISIEL, Theodore (eds.). *Reading Heidegger from the Start: Essays in His Earliest Thought*. Albany: State University of New York, 1994.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VOLPI, Franco. Heidegger in Marburg: Die Auseinandersetzung mit Aristoteles. *Philosophischer Literaturanzeiger* 37, 1984, p. 48-69.

\_\_\_\_\_. Being and Time: A Translation of the Nicomachean Ethics? In: *Reading Heidegger from the Start: Essays in His Earliest Thought*. Albany: State University of New York Press, 1994.

VON HERMANN, Friedrich-Wilhelm. *Augustinus und die phänomenologische Frage nach der Zeit*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1992.

WERNER, Marx. *Das Denken und seine Sache (Heidegger: Freiburger Universitätsvorträge zu seinem Gedenken)*. Freiburg; München: Karl Alber, 1979.

\_\_\_\_\_. *Heidegger und die Tradition. Eine problemgeschichtliche Einführung die Grundbestimmungen des Seins*. Stuttgart: Kohlhammer, 1961.

ZARADER, Marlene. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

1. Cf. Martin Heidegger, *Phänomenologie des religiösen Lebens*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995.

2. Conforme citado anteriormente, os resultados da pesquisa intitulada “Experiência fática da vida e fenomenologia da religião: interpretação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas segundo Martin Heidegger” aqui apresentados são parciais, razão pela qual nossa atenção se volta para as expressões enunciadas no título, a saber, “experiência fática da vida” e “fenomenologia da religião”. Por isso, os resultados esperados pelo que o subtítulo evidencia, a saber, “Interpretação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas segundo Martin Heidegger”, não poderão ser apresentados pelo simples fato de as pesquisas ainda se encontrarem em andamento. Neste intuito, para o biênio de 2012-2013, serão desenvolvidas três pesquisas em nível de iniciação científica: a) A angústia como possibilidade existencial mais própria do ser-af humano: uma interpretação fenomenológica a partir de Kierkegaard e Heidegger; b) A formação de conceitos filosóficos e a experiência fática da vida numa perspectiva heideggeriana; c) O sentido fenomenológico de formalização e de indício formal segundo Martin Heidegger. E, dando continuidade, para o biênio de 2013-2014: a) A posição fundamental de Paulo e o fenômeno da proclamação: a interpretação fenomenológica da *Epístola aos Gálatas* realizada por Martin Heidegger; b) A expectativa da parusia e a experiência fática da vida como sentido referencial da religiosidade cristã: a explicação fenomenológica das *Epístolas aos Tessalonicenses* empreendida por Martin Heidegger.

3. Para uma mínima ideia do contexto em que aconteceram as preleções de Heidegger, são importantes as anotações de Hans-Georg Gadamer, *Verdade e método. Complementos e índices*, 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1994, particularmente o texto “30. Auto-apresentação de Hans-Georg Gadamer”, p. 545-580 e *Hermenêutica em retrospectiva. Vol. 1: Heidegger em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007, especialmente o texto “1. Lembranças dos momentos iniciais de Heidegger”, p. 9-24.

4. Como parte da pesquisa aqui apresentada, foi traduzido e publicado também o volume 63, *Ontologia (hermenêutica da faticidade)*, publicado em abril de 2012, pela Vozes, de Petrópolis. A primeira edição desta obra, em 1995, foi realizada editora Vittorio Klostermann, de Frankfurt am Main, sob o título *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)*.

5. Vale recordar, por exemplo, que, como epígrafe da aula de habilitação *O conceito de tempo na ciência histórica*, em Friburgo, no ano de 1915, Heidegger cita o seguinte pensamento de Eckhart: “Tempo é o que se altera e diversifica, a eternidade se mantém simples” (“Zeit ist das, was sich wandelt und mannigfaltigt, Ewigkeit hält sich einfach”). Cf. Martin Heidegger, *Der Zeitbegriff in der Geschichtswissenschaft*, in: *Frühe Schriften*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1972, p. 357. Embora não Heidegger esclareça, esta epígrafe é do sermão 44, dos sermões alemães eckhartianos. Na tradução brasileira, cf. Mestre Eckhart, *Sermões alemães*, Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006, p. 252-256.

6. Martin Heidegger, *Phänomenologische Interpretation zu Aristoteles. Einführung in die phänomenologische Forschung*, Frankfurt am Main, Klostermann, 1985, p. 199.

7. Martin Heidegger, *Introdução à metafísica*, 2. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, p. 38.

- 
8. Cf. a primeira parte do volume 60 da *Gesamtausgabe*, intitulada “1. Introdução à fenomenologia da religião” (do semestre de inverno de 1920/21). Na tradução brasileira: Martin Heidegger, *Fenomenologia da vida religiosa*, Petrópolis e Bragança Paulista, Vozes e Edusf, 2010, p. 7-139.
  9. Cf. Martin Heidegger, *Phänomenologie des religiösen Lebens*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995, p. 106-156. Cf. também Martin Heidegger, *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995.
  10. Martin Heidegger, *Phänomenologie des religiösen Lebens: Einleitung in die Phänomenologie der Religion*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995, p. 65. Cf. também Martin Heidegger, *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995.
  11. Cf. Martin Heidegger, “Nota prévia do editor”, in: Edmund Husserl, *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, Lisboa, Imprensa Nacional da Moeda, 1994, p. 25.
  12. Martin Heidegger, *Phänomenologie des religiösen Lebens*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995, especialmente p. 87-125. Relevantes são as partes “Introdução à fenomenologia da religião” e “Agostinho e o neoplatonismo”. Cf. também Kurt Flasch, *Was ist Zeit? Augustinus von Hippo. Das XI. Buch der Confessiones*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1993, p. 51-63.
  13. Naturalmente, a longa lista de referências aqui apresentada extrapola os objetivos deste texto. Contudo, esta lista diz respeito ao âmbito em que hoje em dia são realizadas as pesquisas sobre fenomenologia da religião a partir da obra heideggeriana. Nesse sentido, deve se dar particular atenção aos estudos realizados por pesquisadores brasileiros, muitos deles incluídos nas referências aqui elencadas.